

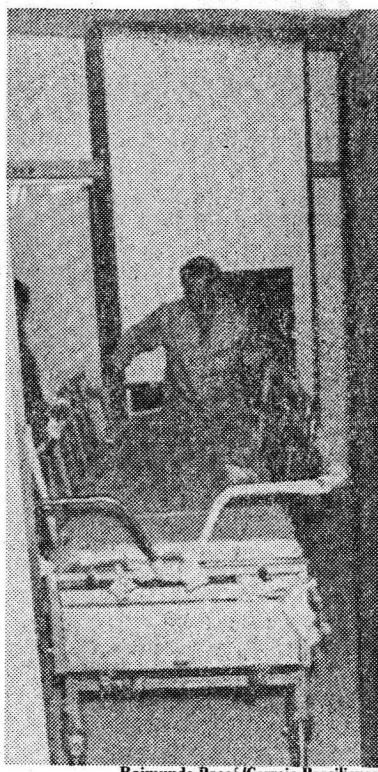
Reforma no Hospital de Base terá de ser refeita

WANDERLENE DE CARVALHO

BRASÍLIA — O governo do Distrito Federal pediu ao presidente Fernando Collor a liberação de Cr\$ 500 milhões para corrigir e concluir as obras do Pronto-Socorro do Hospital de Base de Brasília (HBB), que está em reforma há quase dois anos. Com sua reabertura prevista para o dia 12 de setembro, quando completa 30 anos, descobriu-se agora que os defeitos da construção vão desde salas sem nenhuma ventilação até portas que não permitem a passagem das macas com pacientes.

"Houve falta de integração entre o pessoal da engenharia e o setor médico", admite a diretora-geral do hospital, a médica Maria Custódia Machado Ribeiro. Além dos erros da sala de radiologia, cujas portas são mais estreitas do que a largura das macas, a diretora revela também que os vidros das salas de psiquiatria terão de ser substituídos por telas para melhorar a ventilação. Maria Custódia acredita que no caso da radiologia o problema pode ser resolvido adquirindo-se macas com dimensões compatíveis com a largura da porta, mas outros erros terão de ser corrigidos com obras de engenharia.

Ridicularizado até em programa humorístico de televisão, o Hospital de Base de Brasília virou sinônimo de ineficiência depois da morte do presidente Tancredo Neves, que teria contraído em



Raimundo Paccó/Correio Brasiliense

Porta: macas entalam.

susas dependências uma infecção hospitalar. Atualmente, devido à demora no atendimento aos pacientes, a própria diretora do hospital reconhece que o índice de infecção hospitalar aumentou, apesar de ainda não dispor de estatísticas sobre o assunto.

O Hospital de Base atende cerca de 11 mil pessoas por mês, e dispõe de sofisticados equipamentos que não funcionam simplesmente por falta de contratos para manutenção. É caso de um tomógrafo computadorizado de fabrica-

ção francesa e de um aparelho de radioterapia — único no Estado — usado para tratamento do câncer.

Além da falta de material existe também um grande déficit de recursos humanos. Segundo Maria Custódia, o HBB precisa contratar mais cem médicos e pelo menos mais 600 servidores, desde enfermeiras e auxiliares até pessoal burocrático. Esta é uma das exigências dos servidores de nível médio, que estão em greve e só admitem a reabertura do Pronto-Socorro do hospital após a contratação de pessoal. Segundo o ex-diretor do HBB, o oncologista Maurício Bezerra Cariello, o hospital está desvirtuado nos seus objetivos. "O hospital foi criado para um atendimento terciário, recebendo pacientes que passaram por uma triagem nos centros de saúde, mas isso não acontece", garante Cariello. O ex-diretor afirmou que atualmente 50% do atendimento do Hospital de Base acontece no setor de emergência, enquanto outros hospitais semelhantes do País trabalham com um porcentual de 15%. Cariello rebateu as críticas do ministro da Saúde Alceny Guerra, de que os médicos são responsáveis pelo caos do sistema de saúde do País. "O que existe é um total desinteresse político pelo setor, que não dá retorno imediato", ressaltou. Segundo ele, no Hospital de Base os médicos realmente têm medo de assumir responsabilidades por causa da falta total de condições de trabalho.